Apresentação

Os outros territórios da literatura contemporânea

1

Já faz tempo que o conceito de contemporâneo ultrapassa o senso comum e permeia questões epistêmicas em diversas áreas do conhecimento. Na teoria crítica costuma ser visto como uma etapa do pensamento humano, em que o contemporâneo se coloca como sinônimo de outras nomenclaturas como modernidade líquida, pós-colonialidade, modernidade tardia, pós-modernidade, etc. No entanto, o contemporâneo também pode ser visto como a sistematização de procedimentos estéticos no campo da arte, da literatura e da crítica, como é o caso do livro *Frutos estranhos*. Sobre a inespecificidade da estética contemporânea, de Florencia Garramuño (2014), para dar um exemplo. Há também o caso do autor mais citado quando se trata do conceito do contemporâneo, Giorgio Agamben (2009), que nos disse – mirando um sujeito, uma substância, mas escutando o rumor do mundo – que contemporâneo é aquele que olha para o seu tempo e aprende a ver na escuridão, e que, além disso, é o indivíduo que interpola o tempo e está à altura de colocá-lo em relação com outros tempos.

No ensaio de abertura do livro *Contemporaneidades periféricas*, Jorge Augusto (2018), por sua vez, busca encarar criticamente esses conceitos de contemporâneo enquanto ainda fortemente ligados à noção de tempo, de tempo histórico, de modernidade e de eurocentralidade. A eles, o autor contrapõe uma noção de contemporâneo ligada não apenas ao tempo, mas também ao território, pois “a diversidade das obras produzidas contemporaneamente nas periferias dos centros hegemônicos deve ser

acolhida por um repertório crítico epistemicamente múltiplo e territorializado”. Além disso, é preciso saber como esses territórios estão operando sua própria teoria, tanto sobre si, sobre os outros, quanto sobre as outras teorias que estão em jogo.

Pensando aqui o contemporâneo pela “relação espaço-temporal”, abrimos este número de *Landa* para artigos que versassem sobre literatura em suas relações com os territórios, corpos, culturas, identidades e outras linguagens político-artísticas que estão fora dos eixos hegemônicos. Distintas contribuições enviadas e aprovadas por nosso conselho editorial tentaram responder, de distintas maneiras, à chamada aberta. Em “Literatura indígena contemporânea, Kabá Darebu e Grosfoguel”, Denise Fraga observa, através de olhar pluriversal, as confluências entre a teoria decolonial e a arte indígena contemporaneamente produzida no Brasil. Kauanne Almeida Santos e André Luis Mitidieri, por sua vez, lêem o romance *O sexo portátil*, de Luiz Canabrava, e o conectam com o “dispositivo do armário” da ditadura militar brasileira através da sua situação no “espaço biográfico” estudado por Leonor Arfuch.

2

Miguel Ángel Schmitt Rodriguez entrevista o escritor e poeta Péricles Prade em relação à produção literária de quatro autores catarinenses: Lindolf Bell, Osmar Pisani, Rodrigo de Haro e o próprio Péricles Prade. Em “Despossuir o tempo no espaço da ficção científica”, Graziela C. Drago e Anna Carolina Cunha apresentam uma leitura aberta, tentacular e também contemporânea, de *Os despossuídos* (1974), de Ursula K. Le Guin. Já Julio Souto Salom e Warley “Janove” Souza Pires, em “A onda marginal dos slams na grande Porto Alegre” abordam a circulação da poesia falada nos slams, assim como sua variedade de suportes, territórios, situações em sua conexão com a cultura negra, popular e periférica.

Ivania Campigotto Aquino, Gilmar de Azevedo e Patrícia Charão abordam o racismo estrutural no diálogo intermediático entre conto e romances de Lima Barreto e/na teledramaturgia *Fera Ferida*, e Auricélio Ferreira de Souza, com Tiago Nascimento Silva, elaboram uma leitura da consciência e resistência ancestral negra, em sociedade dominada pela ideologia da mestiçagem, na canção *Luandê*, de Ederaldo Gentil e Capinam.

“A escrita como espaço de recordação”, de Janaína Buchweitz e Silva, estuda o romance *Outros cantos*, publicado em 2016 por Maria Valéria Rezende, como uma rememoração, que elabora memória cultural sobre o período da ditadura brasileira. Encerrando a chamada aberta, Luana Barossi investiga *Ualalapi*, do autor moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa, explorando dois sentidos de escatologia que percorrem a obra como motivos condutores, funcionando como uma costura entre elementos fragmentados pela violência da história.

O dossiê especial “Apropiaciones contemporáneas del archivo brasileño”, organizado por Laura Cabezas e Juan Recchia Paez, igualmente aprofunda o debate sobre outros territórios da literatura do presente. No dossiê, que conta com as contribuições de Anderson Pires da Silva, Juan Recchia Paez, Jesús Montoya, María Guillermina Torres Reca, Lucía Tennina, Lucía Belmes, Laura Cabezas e Victoria Solis, se elaboram uma série de ferramentas metodológicas para a abordagem de distintos corpus e objetos artísticos da cultura brasileira, com ênfase para aqueles tocados-nutridos pelas culturas e experiências estéticas e políticas do campo popular. Como esse campo se configura em diferentes obras e processos artísticos da contemporaneidade? Quais são as relações entre as literaturas/as artes marginais, ancestrais ou de fronteira e os imaginários hegemônicos? Como tocam essas literaturas e artes os instrumentos das dissidências sexuais e corporais? Como esses contatos e desencontros afetam as teorias com que se estuda a arte na contemporaneidade?

Três textos compõem a seção *Olhares* deste número: “Exotismo”, de César Aira; “A dependência sensível das condições iniciais em *Pedro Páramo* de Juan Rulfo”, de Sérgio Barboza; e “Ecossistema dos livros cartoneros”, de Carlos Ríos. O primeiro é um ensaio-manifesto fundamental do pensamento de César Aira, numa crítica engenhosa ao monopólio do Homem em chave eurocêntrica, pois os “Universais concentram-se nesta figura e todo o resto baixa ao mundo sublunar”. Um dos luminares do pensamento ocidental, Montesquieu não contente com a invenção das ciências sociais, inventa – segundo Aira – um gênero literário, o “romance exótico”, com as *Cartas persas* (1721), em que se vê a Europa com olhar estrangeiro, invertendo a lógica dos supostos Universais. O mais bem-

sucedido escritor francês de romances exóticos foi Pierre Loti, o qual Aira contrasta no ensaio breve com Mário de Andrade: “Loti, no seu papel de produtor de livros para leitores que os reclamavam, pôs a literatura do lado do *status quo*, e a usou para *não* se tornar japonês, para continuar sendo francês. Enquanto Mário fez da sua obra uma máquina para se tornar brasileiro”. A partir daí, “os absolutos do pensamento tingem-se de ficção para entrar na vida”, propõe Aira entre o real e o ficcional. Também entre o real e o ficcional se move Sérgio Barboza ao lidar com os fantasmas do romance de Juan Rulfo, “à luz dos *Espectros de Marx* de Jacques Derrida e das teses ‘Sobre o conceito de história’ de Walter Benjamin”: em seu ensaio, os fantasmas de Comala são abordados enquanto categoria política para ler o tempo presente. Finalmente, no segundo manifesto da seção, Carlos Ríos propõe uma sagaz conceitualização do projeto editorial cartonero, vendo-o, antes de mais nada, como “comunitário, colaborativo e solidário”, rompendo “as hierarquias do livro visto como objeto de culto e prestígio” e transformando radicalmente a experiência da leitura, bem como “as expectativas e práticas de quem escreve”.

4

Abrindo o nosso número, Liliana Reales e Hebert Benítez Pezzolano rendem homenagem ao querido Roberto Ferro, grande amigo de *Landa* e um dos críticos mais proeminentes da sua geração, que faleceu no dia 28 de setembro na cidade de Buenos Aires. Para celebrar a vida de Roberto, republicamos também o ensaio “Notas à mergem da desconstrução”, traduzido por Jorge Wolff e publicado no Brasil em *Da literatura e dos restos* (Editora da UFSC, 2010).

A equipe editorial